

“RETRATO DE D. FRANCISCO DE MOURA CORTE REAL,
3.º MARQUÊS DE CASTELO RODRIGO”

FRANÇOIS DUCHATEL

2 DEZEMBRO 2016 – 19 MARÇO 2017



A 23 DE NOVEMBRO DE 1675 morria D. Francisco de Moura Corte Real, 3.º marquês de Castelo Rodrigo, conde de Lumiares, Senhor da Terceira e do Faial, Comendador da Ordem de Cristo, na sua casa de campo “La Florida”, situada nos arredores de Madrid.

Nascido em 1621, terceiro filho de D. Manuel de Moura e de D. Leonor de Melo, único entre os irmãos a atingir a idade adulta, casou em 1639 com D. Catarina de Moncada. Deste casamento teve duas filhas e suas únicas herdeiras: D. Leonor, casada com D. Aniello de Gúzman y

François Duchatel
(1616-1694), atrib.

***Retrato de D. Francisco de Moura
Corte Real, 3.º marquês de Castelo
Rodrigo***

c. 1664

Pintura a óleo sobre tela

Museu da Quinta das Cruzes, Funchal
(Madeira)

MQC 2255

Caraffa, conde de Lumiares, e D. Joana, casada com D. Gilberto Pio de Saboia, mais conhecido como o Príncipe Pio.

D. Francisco cedo terá entrado em contacto com o mundo das artes; o seu pai, embaixador da corte espanhola em Roma, foi um dos impulsionadores que apadrinhou o arquiteto Francesco Borromini. Terá sido certamente sob a sua influência que adquiriu e concebeu em 1647 “La Florida”, onde reuniu obras de arte, continuando a coleção do seu pai na qual a pintura assumia um papel de destaque e na qual constavam esculturas de elogiada qualidade, de acordo com a descrição da famosa novelista Madame D’Aulnoy, no seu livro *Mémoires de la Cour d’Espagne*, 1690.

Após a morte de D. Francisco, teve início o inventário e taxaço de todos os bens de “La Florida”. A 4 de fevereiro de 1676, o pintor espanhol Francisco Ricci (Madrid 1614 – San Lorenzo de El Escorial, 1685), pintor de câmara de Filipe IV e Carlos II, foi encarregado de avaliar a extraordinária coleção de pintura, que contaria certamente com representações de destacados artistas de diversas escolas europeias, a avaliar pelos altos valores a que algumas das obras foram taxadas.

Integravam a sua pinacoteca um total de 576 pinturas, que incluíam “bodegones, floreros, paisajes, batallas, alegorias, escenas de género y religiosas (...)”, e onde os retratos tinham também um lugar especial, com representações de familiares, membros da casa de Áustria, e um curioso lote de “veinte pinturas de diferentes reyes de Portugal”, uma relação remanescente, sem dúvida, do seu avô D. Cristóvão de Moura, 1.º marquês de Castelo Rodrigo, nobre português de destacada importância nos reinados de Filipe I e Filipe II.

Fidalgo de origem portuguesa, exerceu, no período da monarquia dual, os mais altos cargos ao serviço da Casa Real de Habsburgo, distinguindo-se no campo da diplomacia. Foi embaixador

em Viena e vice-rei da Sardenha; um diplomata tornado militar quando é nomeado Governador dos Países Baixos Espanhóis, entre o período de 1664-1668.

É neste período que o retrato em presença toma forma, muito provavelmente sob a mão do pintor François Duchastel (1616?-1679), artista flamengo nascido em Bruxelas, aluno de David Teniers, o Novo, e que trabalhou no ateliê de Adam van der Meulen, em Paris.

Apesar de não estar assinado, uma gravura feita a partir desta pintura (hoje, na Biblioteca Nacional da Áustria), colmata o que não está presente neste retrato com a informação que se pode ler na parte inferior sobre o autor da pintura: “Franc. DuChastelpinxit” e “Richard Collinsculpebat 1665”. A data da gravura ajuda-nos igualmente a identificar o momento em que Duchastel, um pintor relacionado com o governo espanhol dos Países Baixos, retratou o marquês, provavelmente cerca de 1664, à chegada ao seu novo posto; a representação de um homem em campanha militar, como parecem indicar a sua armadura e bastão de comando. Esta não será a única representação que Duchastel fará de D. Francisco. Em 1668, é de novo representado por este artista na pintura celebrativa da “Investidura de Carlos II de Espanha como Conde da Flandres, em Gante em 1666”, e onde numa praça festiva e pomposa desfila o marquês de Castelo Rodrigo, a cavalo, em representação do jovem monarca.

Diversas gravuras do marquês repetem a mesma composição, assumida também em vários retratos do belga Claude Lamoral, 3.º Príncipe de Ligne, capitão general da cavalaria espanhola nos Países Baixos entre 1649-1669 e companheiro de comando de D. Francisco de Moura; uma composição que mais caracteriza uma época e estilo do que os retratados em si. O que nos atrai nesta pintura é o retratado, a personagem principal, numa representação em que o ser e o parecer se fundem numa tentativa de perpetuação, objetivo último da arte do retrato.

Ana Kol Rodrigues

APOIOS:

